

SAUDAÇÃO

A ALMADA NEGREIROS

«Fiel a si mesmo». Esta é a expressão que se tem empregado muitas vezes, tantas, que parece perder a pouco e pouco qualquer validade. Há, porém, alguns exemplos que lhe retribuem o seu sentido maior. Um dos mais autênticos é Almada Negreiros.

Tem afirmado que, se deve profundamente alguma coisa aos outros, é terem guardado os desenhos que fez na sua primeira infância. E em inúmeras palestras, citando os antigos gregos, fala da vocação pessoal, lembra que o que de melhor temos a comunicar é próprio, não é ensinado por ninguém.

José Sobral de Almada Negreiros nasceu em Lisboa, a 7 de Abril de 1893. Festas de diamante deveriam hoje comemorar os setenta e cinco anos de fidelidade a si próprio.

Grande pintor e grande escritor, é uma das figuras mais notáveis do modernismo em Portugal. Já em 1911 colaborava nas revistas «Rajada» e «Satyra». Escreveu a peça, em um acto, «O Moinho». Participou na Primeira Exposição do Grupo dos Humoristas Portugueses.

Em 1912 expôs pela primeira vez individualmente em Lisboa, na Escola Internacional,

na Rua da Emenda. Depois, escreveu as peças «23, 2.º andar» e «Os outros», o «Manifesto Anti-Dantas» e a novela «A Engomadeira», que é talvez a mais importante novela da vanguarda portuguesa da segunda década deste século.

Em 1916 declarou ser Amadeo Souza-Cardoso a «Primeira Descoberta de Portugal na Europa do Século XX». Em 1917 realizou a 1.ª conferência futurista no Teatro República de Lisboa (14 de Abril). Dirigiu uma carta ao jornal «A Capital», publicada sob o título de «A ideia futurista na ribalta». Publicou na revista «Portugal Futurista», o «Ultimatum futurista às gerações portuguesas do século XX» (Dezembro).

Em 1919 partiu para Paris.

A colaboração continuou nas mais diversas revistas. Teatro, ensaio, romance... «Deseja-se Mulher», peça em 3 actos, e o romance «Nome de Guerra» adquirem com o tempo o maior prestígio no mundo das letras. Continuou também a expor e realizou murais, entre os quais os das Gares Marítimas de Lisboa.

Dedica-se também ao estudo, sob uma visão geométrica, dos mistérios da pintura antiga. Em 1926 anunciou a descoberta dos ladrilhos no políptico de Nuno Gonçalves. Trinta anos mais tarde efectuou-se a publicação de «A Chave diz: Faltam 2 tábuas e meia de Pintura no todo da obra de Nuno Gonçalves, o Pintor Português que pintou o altar de S. Vicente na Sé de Lisboa».

Almada, juntamente com Santa-Rita e Amadeo, constitui o núcleo mais importante da arte moderna portuguesa. Não teve ainda o biógrafo que mostrasse todo o alcance da sua obra. Não teve também ainda a exposição retrospectiva que merece.

Prossegue inflexível a afirmação da sua vocação. O seu génio versátil manifesta-se continuamente. Descobre o denominador comum da unidade de todas as artes. Português sem mestre, faz-nos compreender a nós próprios. Debruçando-se sobre o que nos é necessário, sabe descobrir nas palavras o que elas habitualmente escondem.

Disse um dia: «A alegria é a coisa mais séria da vida». Saudemo-lo seriamente, alegremente, em vida! — R. M. G.



Almada Negreiros — «Duplo retrato», óleo. Neste quadro, Almada retrata-se juntamente com a pintora Sarah Afonso, sua mulher

"capital" 7-4-1968

RUI MARIO
GONÇALVES